



IX CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA Portugal, território de territórios

ÁREA TEMÁTICA: Ambiente e Sociedade [ST]

Mudanças climáticas – que peso têm nas preocupações dos actores sociais?

CARVALHO, Maria Manuela Madureira

ISCTE/IUL - CIES maria.madureira@cm-lisboa.pt

CASANOVA, José Luís

Professor Auxiliar, ISCTE/IUL - CIES jose.casanova@iscte.pt

Resumo

A ausência de reflexão aprofundada e consequente sobre o devir da industrialização gerou consequências inesperadas e perversas para as sociedades contemporâneas.

Com a investigação empírica que realizámos pretende-se alimentar essa reflexão inspirando-nos no princípio defendido por Barbara Adam que refere a premência da introdução nos estudos sobre ambiente e sustentabilidade dos contributos de uma Sociologia do tempo e do futuro.

Analisar o centramento das pessoas no 'curto' *versus* 'longo prazo' permite avaliar em que medida a preocupação com o futuro, e em particular com os efeitos das mudanças climáticas, integra as orientações culturais dos indivíduos, e se estas acompanham ou não as agendas institucionais.

A investigação baseia-se num questionário lançado em Lisboa com o objectivo de medir essas preocupações, confrontando-as com características sociais, valores e orientações sociais dos indivíduos.

Os resultados mostram que a preocupação com o futuro longínquo e com as mudanças climáticas têm muito maior peso entre os lisboetas que o centramento no futuro imediato, e que o grupo etário, a escolaridade e a orientação social são variáveis particularmente diferenciadoras desta preocupação e da orientação para a sustentabilidade em geral.

Abstract

The absence of systematic observation about the future of industrialization brings unexpected consequences for contemporary societies. This empirical research intends to feed Barbara Adam theory about the requirement for introduction the contributions of a Sociology of Time and Future in sociological studies on environment and sustainability.

Analyze people`s focus in the 'short' versus 'long term' allow us to evaluate how the concern with the future and climate change effects includes cultural orientations and if these are attached or not the institutional agendas.

This research is based on a questionnaire launched in Lisbon. The main goal is to evaluate these concerns, confronting them with social characteristics, values and social orientations.

Results shows that among Lisbon citizens concern with long term and with climate change issue is more important than short term. Age, school degree and social orientation are Key variables related with this concern and with orientation to sustainability.

Palavras-chave: Orientações sociais; Mudanças Climáticas; Futuro; Tempo

Keywords: Social orientations, Climate Change; Future; Time

[COM0167]

Mudanças climáticas – que peso têm nas preocupações dos actores sociais?

Introdução

As problemáticas do ambiente, da sustentabilidade e das mudanças climáticas suscitam questões complexas à comunidade científica, tendo-se constituído objetos de estudo em diversas áreas como a geologia, a física, a matemática, a biologia, a geofísica e naturalmente a sociologia.

A importância dada pelos sociólogos a estas questões tem contribuído para a consolidação de áreas do conhecimento específicas como a Sociologia do Ambiente.

A discussão que queremos suscitar no âmbito deste artigo prende-se com a importância de integrar os contributos da Sociologia do Tempo e do Futuro nas problemáticas do Ambiente e da Sustentabilidade. Não serão porventura as mudanças climáticas um bom pretexto para inspirar uma reflexão sobre a relação das pessoas com o futuro?

A contribuição para esta discussão tem origem numa investigação realizada em Lisboa sobre valores, práticas e representações sobre futuro e mudanças climáticas

¹ com o objetivo de observar a relação que as pessoas estabelecem com o tempo e com o futuro, bem como as suas representações sobre sustentabilidade e sobre mudanças climáticas.

O objetivo principal deste texto é o de partilhar uma perspetiva sociológica que integre os contributos da Sociologia do Tempo e do Futuro nos estudos sobre Ambiente e Sustentabilidade recorrendo a um exemplo concreto no quadro de uma investigação em que as duas perspetivas coexistem.

Serão apresentados alguns resultados que decorrem precisamente da abordagem empírica às preocupações que os actores sociais apresentam face às mudanças climáticas, e à forma como esses mesmos actores integram essas preocupações no longo prazo.

1. Abordagens às Mudanças Climáticas - Contributos teóricos de uma Sociologia do Tempo e do Futuro

A nossa opção pela problemática da sustentabilidade e das mudanças climáticas, associada à problemática do tempo e do futuro, deve-se à natureza das mudanças climáticas que alteram sorrateiramente o nosso quadro de vida e o das gerações que não iremos conhecer. A constatação deste fenómeno força instituições e pessoas a reflectirem prospectivamente sobre a realidade suscitando em consequência a necessidade da criação de um *habitus* de promoção da sustentabilidade.

Se é consensual que os sociólogos se interessam vivamente pela problemática ambiental partilhando teorias e práticas, o mesmo não se poderá dizer sobre o seu posicionamento em relação à problemática do tempo e do futuro.

Para a maioria, a prática sociológica centra-se no presente com recurso a incursões no passado com vista a situar e compreender determinados factos sociais numa fatia temporal mais abrangente. Nestas circunstâncias, o futuro não é declaradamente considerado enquanto objeto de estudo.

Um segundo e reduzido grupo de sociólogos desenvolvem práticas sociológicas a partir da análise de tendências gerais do desenvolvimento económico e social, a partir do presente, utilizando para o efeito métodos e técnicas próprias da Prospetiva.

Finalmente um terceiro grupo de sociólogos questionam intensamente o conceito de tempo e de futuro do ponto de vista epistemológico e metodológico, e desenvolvem estudos empíricos partindo desses conceitos.

Como conciliar as abordagens centradas no âmbito da Sociologia do Ambiente e da Sustentabilidade com a introdução dos conceitos de Tempo e de Futuro?

Diversos sociólogos têm contribuído para colocar o futuro na agenda sociológica, reflectindo sobre as questões ambientais e seus impactos no longo prazo, como por exemplo Adam (1995,1998, 2000, 2004, 2011), Bell (2003), Beck (1992,1997, 2000), Castells (2011), e Giddens (1997, 2009).

Neste texto daremos especial ênfase ao contributo teórico de Barbara Adam que evidenciou a importância em se observarem os conceitos de tempo e de futuro como variáveis imprescindíveis aos estudos de natureza ambiental.

Os pontos de vista de Adam sobre o tempo estão condensados nas suas obras *Time Scapes of Modernity* (1998), *Time and Social Theory* (1990) e *Time Watch* (1995). Em *Time Scapes of Modernity* (1998) é explorada profundamente a ideia de que natureza, ambiente e sustentabilidade têm uma temporalidade própria complexa e multidimensional.

Esta junção entre temporalidade e ambiente foi amplamente desenvolvida por Adam. Neste âmbito, e para uma melhor compreensão das ligações entre estes temas, seleccionámos duas ideias fundamentais sublinhadas pela autora:

A primeira prende-se com a dificuldade em se apreender no presente o impacto futuro de determinados fenómenos ambientais, como por exemplo o das mudanças climáticas. Esta dificuldade é visível ao nível da comunidade científica. Os climatólogos trabalham com medições de temperatura, sondagens por satélite e elaboração de modelos climáticos que representam a realidade em termos probabilísticos. As respostas da Ciência às questões suscitadas por fenómenos como o das mudanças climáticas entram no domínio da imprevisibilidade.

O fosso entre o conhecimento dos fenómenos e o seu impacto num tempo que ainda não existe é deste modo intensamente vivido pelos cientistas que sabem que as escalas de tempo das suas investigações ultrapassam o tempo disponível para a acção, sabendo que o tempo esgotar-se-á antes que possam fornecer respostas (Adam, 1998). Este aspecto é fundamental para se compreender a relutância que instituições e cidadãos demonstram em aceitar como reais factos para os quais os cientistas não têm respostas cabais.

Do ponto de vista dos cidadãos, à dificuldade em se projectar ou imaginar o futuro individual ou familiar acresce o exercício de imaginarem o futuro colectivo quando estão em causa fenómenos cuja repercussão nem sempre é visível no presente.

A segunda ideia centra-se na constatação de que as questões ambientais têm impacto num tempo futuro, que não será o nosso mas sobre o qual somos responsáveis. É o caso das mudanças climáticas ou da radiação nuclear, que têm repercussões no nosso quadro de vida desconhecendo-se qual o momento no tempo em que produzem os seus efeitos. Acresce ainda que não se sabe com segurança qual a intensidade desses efeitos. Estas circunstâncias, envolvendo questões fundamentais como a conservação das espécies, foram evidenciadas por Adam que recolocou na agenda sociológica a questão epistemológica da relação entre observador e observado. Por outras palavras, estamos perante um objecto de estudo relativamente ao qual é necessário tomarmos posições na qualidade de cidadãos e de sociólogos.

Instituições e cidadãos são responsáveis pelas acções tomadas no tempo presente. Essas acções não sendo neutras têm impacto no futuro e não podem ser ignoradas. Este facto reaviva a necessidade de responsabilização social.

As acções têm os seus efeitos não necessariamente no mesmo tempo e no mesmo espaço em que ocorrem. Uma vez que as mudanças climáticas se projectam no futuro, estudar o futuro corresponde a admitir o casamento feliz entre ciência e responsabilidade social (Adam, 2011).

Adam identifica claramente o que está em causa quando se fala em responsabilidade social: “What might be the right thing to do? What could be a just solution?” (Adam, 2010: 370). Trata-se segundo a autora de questões

que envolvem valores e como tal pertencem ao domínio público. Competirá aos sociólogos suscitar essas questões não só na qualidade de cientistas sociais mas acima de tudo enquanto cidadãos.

Esta socióloga desenvolve uma tipologia envolvendo vários conceitos de futuro. Apenas nos iremos centrar no conceito de “futuro produzido”, aquele que a nosso ver tem maior interesse sociológico. O “futuro produzido” é algo que está latente e invisível até se materializar num facto num espaço e num tempo, o futuro presente.

As consequências do aquecimento global ilustram bem o conceito. É um futuro presente, ainda dissimulado mas real e essa é a nossa realidade (Adam, 2011), não é pré-determinado, e difere de todos os outros futuros.

Esta conceção de futuro é consequência das nossas vivências atuais, pressupõe uma utensilagem mental própria e procura responder aos grandes problemas que se colocam às sociedades contemporâneas. Este futuro é intrínseco às vivências das sociedades industrializadas, onde a ideia de responsabilização dos cidadãos pelas ações presentes e futuras enquanto parte de um projeto de cidadania ganha importância.

Não se conhecem até à data formas de operacionalizar este conceito. Adam considera que não existem ainda ferramentas teóricas para se lidar com a “produção de futuros”.

Em conclusão, a proposta de abordagem de Adam compreende o uso de ferramentas teóricas e metodológicas novas, em parte devido à natureza dos fenómenos ambientais. Estes fenómenos têm consequências pelo menos parcialmente desconhecidas no presente, e os seus impactos não são visíveis até que os sintomas se materializem algures no tempo. É o que ocorre com as mudanças climáticas cujos impactos podem não ser visíveis aos olhos dos cidadãos. Estes fenómenos, independentemente da discussão sobre a sua origem, afetam indivíduos, grupos, instituições e a sociedade global no presente e principalmente no futuro. Estas particularidades civilizacionais implicam a necessidade de uma nova abordagem teórica aplicada ao estudo dos produtos das sociedades industrializadas. Em nosso entender, tal significa valorizar e contextualizar o contributo de uma Sociologia do Tempo.

Persistem naturalmente muitas questões teóricas e epistemológicas sobre como abordar o “futuro”. O futuro permanece um objeto de estudo aparentemente virtual, inserido num horizonte temporal onde só o presente é “momentaneamente” visível e tangível. A nosso ver é uma questão que continua em aberto. Como abordar a imaterialidade do tempo e do futuro? Como avaliar o impacto das ações de natureza política e económica que afetarão o planeta no futuro?

2. Tempo, futuro e mudanças climáticas - Modelo Analítico.

O tema “Mudanças climáticas – que peso têm nas preocupações dos atores sociais?” tem a sua origem no quadro de uma investigação mais geral em que se abordou a relação das pessoas com o futuro e as mudanças climáticas. Para contextualizarmos este tema, iremos expor muito resumidamente parte do enquadramento teórico bem como o modelo analítico que dele resultou.

Para explicar e compreender as representações, valores e práticas das pessoas no que concerne ao tempo e ao futuro, e as orientações prospetiva, para a sustentabilidade e relativa às mudanças climáticas, considerou-se, como Bárbara Adam, que o tempo e o futuro são noções de natureza intrinsecamente social (Adam, 1990, 2004, 2010, 2010b), e recorreu-se essencialmente aos conceitos de *habitus*, reflexividade, e orientações sociais, convocando-se os contributos de Bourdieu, Giddens e Casanova.

Estes contributos permitiram avaliar em que medida a relação com o tempo e o futuro constitui um aspeto cultural relevante e diferenciado.

O modelo analítico proposto e testado foi constituído por três grupos de macro-variáveis, subdivididas em dimensões e indicadores.

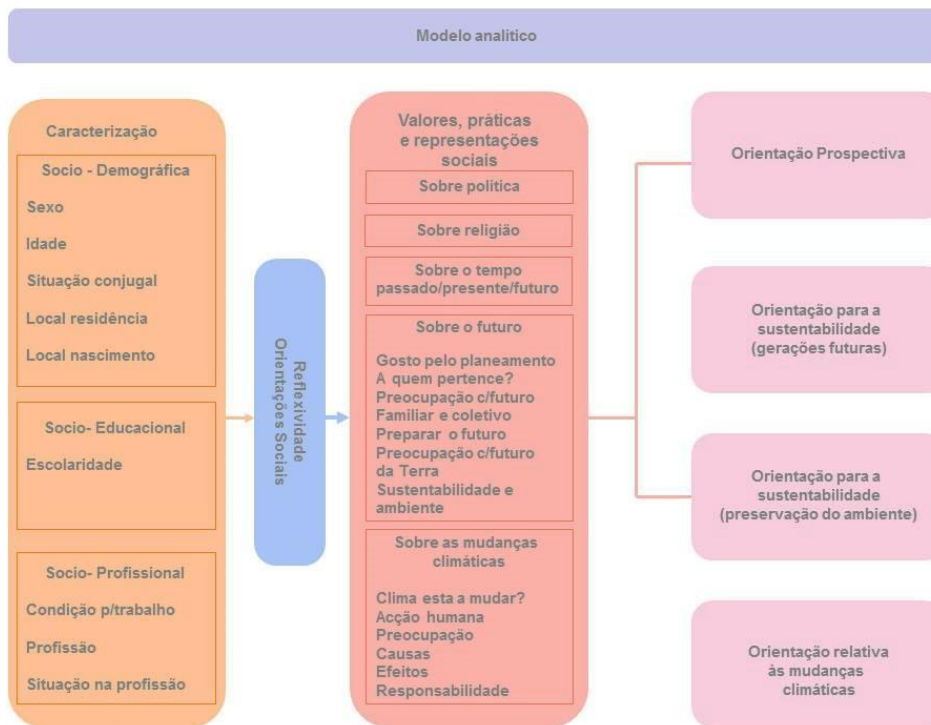


Figura 1 - Modelo Analítico

Interpretando o modelo da esquerda para a direita observa-se que o primeiro grupo é formado pelo conjunto de variáveis de caracterização social subdivididas em três dimensões: caracterização sociodemográfica, caracterização socioeducacional e caracterização socioprofissional. Estas dimensões são o pano de fundo na explicação, em termos de estrutura social, das representações e práticas relativas ao futuro e às mudanças climáticas.

O segundo grupo é constituído por um conjunto de variáveis tomadas como dependentes neste trabalho: valores, práticas e representações sociais relativas à política, à religião, ao tempo, ao futuro e às mudanças climáticas.

Do terceiro grupo consta um conjunto de variáveis organizadas em índices a partir das variáveis constantes no segundo grupo: orientação prospetiva, orientação para a sustentabilidade, traduzida em duas dimensões (orientação para as gerações futuras e orientação para a preservação do ambiente), e orientação relativa às mudanças climáticas. A orientação relativa às mudanças climáticas foi autonomizada da orientação para a sustentabilidade por se tratar de um problema específico e concreto de sustentabilidade.

A influência das características sociodemográficas, socioeducacionais e socioprofissionais em valores, práticas e representações sociais é mediada pelo conceito de orientações sociais, desenvolvido por Casanova (2004, 2016), que conjuga as disposições no *habitus* e a reflexividade (capacidade dos atores refletirem sobre os seus comportamentos).

O conceito de orientação para o futuro traduz-se em dois índices: a orientação prospetiva, que representa a capacidade dos atores valorizarem o futuro e de agirem sobre ele, e a orientação para a sustentabilidade que representa a valorização e a ação de preservação da espécie humana e da qualidade ambiental. Ainda a orientação relativa às mudanças climáticas, que significa valorizar o problema das mudanças climáticas e agir para o minorar. Cada uma destas dimensões foi operacionalizada através de dois indicadores, que correspondem a uma prática e a um valor.

A investigação realizada é de carácter exploratório e recorreu a um questionário aplicado a uma amostra representativa dos cidadãos residentes na cidade de Lisboa.

A amostra, estratificada com base no sexo e no grupo etário, teve por base dados facultados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) referentes à população residente na cidade de Lisboa em 2011, tendo sido apurado o valor de 384 para uma margem de erro de 5% e um nível de confiança de 95%.

De acordo com a orientação geral do modelo analítico, o questionário divide-se em sete grandes blocos: caracterização sociodemográfica, socioeducacional e socioprofissional, orientações sociais, reflexividade, relação com o tempo e com o futuro, sustentabilidade e ambiente, e mudanças climáticas, sendo constituído na totalidade por 42 perguntas fechadas.

Após a aplicação do questionário foi elaborada a análise e tratamento dos dados com recurso aos métodos estatísticos e ao programa SPSS.

3. Mudanças climáticas – que peso têm nas preocupações dos actores sociais?

Neste texto partimos concretamente do tema das mudanças climáticas e das relações das pessoas com o tempo e com o futuro, concentrando-nos nas seguintes questões: As pessoas estão preparadas para o pensamento a longo prazo? Que características sociais predominam nas preocupações com as mudanças climáticas? Que valores, práticas e representações sociais contribuem para explicar as preocupações com as mudanças climáticas? Até que ponto as preocupações com o futuro e com as mudanças climáticas integram as orientações culturais dos indivíduos?

De acordo com a perspectiva de Barbara Adam e com o modelo analítico proposto, presume-se que valores, representações e práticas relacionados com as mudanças climáticas dependam das características sociais dos indivíduos e, mais directamente, das orientações sociais, e que existe algum grau de associação entre valores, representações e práticas relacionados com as mudanças climáticas e a relação dos indivíduos com o tempo e o futuro.

Procurando responder a estas interrogações, apresentam-se alguns resultados do inquérito realizado.

Em primeiro lugar apresentam-se os dados que refletem as preocupações da população inquirida com o curto *versus* longo prazo e com as mudanças climáticas, as preocupações com as causas e efeitos das mudanças climáticas, e o conhecimento dos fatos que originam o fenómeno.

Uma das formas usadas para se analisar como as pessoas se posicionam face ao curto e longo prazo foi apurada a partir da seguinte questão: “Está mais preocupado com o tempo que vai fazer no próximo verão ou com as mudanças climáticas que poderão ocorrer no futuro?”. Constatou-se que 84,3% das pessoas dizem estar mais preocupadas com as mudanças climáticas que poderão ocorrer no futuro longínquo, e, portanto 15,7% estão mais preocupados com o futuro imediato, que ocorre no próximo verão (quadro1).

Está mais preocupado com:	N	%
As mudanças climáticas que poderão ocorrer no futuro	300	84,3
O tempo que vai fazer no próximo verão	56	15,7

Quadro 1 - Curto *versus* longo prazo

Quanto ao grau de preocupação com as mudanças climáticas em si mesmas, cerca de 62% afirmam que devemos estar muito preocupados com este facto, e 33,7% consideram que devemos estar moderadamente

preocupados. Estas duas categorias atingem 95,5% das respostas. Os valores referentes às pessoas que acham que devemos estar pouco ou nada preocupados são residuais (2,9% e 1,6%).

De uma forma geral considera que:		
Devemos estar muito preocupados com as mudanças climáticas	235	61,8
Devemos estar moderadamente preocupados	128	33,7
Devemos estar pouco preocupados com as mudanças climáticas	11	2,9
Não devemos estar preocupados com as mudanças climáticas	6	1,6
Não sabe/não responde	4	-

Quadro 2 - Preocupação com as mudanças climáticas

Quando se apuram os resultados das opiniões sobre os efeitos das mudanças climáticas, confrontamo-nos com uma considerável percentagem de respostas que apontam para o facto de esses efeitos poderem ser muito negativos (62,4%) ou moderadamente negativos (31,6%), que somam 94% (quadro 3).

Na sua opinião os efeitos das mudanças climáticas serão:		
Muito negativos	231	62,4
Moderadamente negativos	117	31,6
Pouco negativos	19	5,1
Não serão negativos	3	0,8
Não sabe/não responde	14	

Quadro 3 - Efeitos das mudanças climáticas

Para se registar o conhecimento que as pessoas têm sobre a causa mais direta das mudanças climáticas foi elaborada uma pergunta com 4 opções de resposta. Duas opções estavam ligadas a fatores antropogénicos, ou seja provocados pela ação humana sobre a natureza, e as outras duas ligadas a fatores naturais, como por exemplo as tempestades solares e a ocorrência de grandes erupções vulcânicas. A maior parte dos inquiridos, cerca de 91,1%, atribuem as mudanças climáticas a fatores relacionados com a atividade humana.

Na sua opinião, qual lhe parece ser a causa mais direta das mudanças climáticas?	N	%
Diminuição da camada de ozono na atmosfera	181	52,5
Alterações na atividade solar	25	7,2
Aumento da quantidade de dióxido de carbono na atmosfera	133	38,6
Grandes erupções vulcânicas	6	1,7

Quadro 4 - Causas das Mudanças Climáticas

A resposta com maior valor percentual foi a diminuição da camada de ozono na atmosfera (52,5%), porém a resposta correta do ponto de vista científico é o aumento da quantidade de dióxido de carbono na atmosfera (38,6%). Isto aponta para um défice grave de informação sobre o assunto na maioria da população residente em Lisboa.

Em segundo lugar exploramos alguns cruzamentos estatísticos que nos conduzem novamente à preocupação com as mudanças climáticas e aos fatores que poderão estar na sua origem.

Ao apreciar a possível associação entre idade e preferência pelo curto prazo/longo prazo verifica-se que é no grupo etário dos 30 aos 44 anos que os inquiridos afirmam mais se preocupar com as mudanças climáticas que poderão ocorrer no futuro (95,3%), e entre os mais velhos que esta preocupação é menor (72,7%).

Grupo etário	Está mais preocupado com:	
	O tempo que vai fazer no próximo verão?	As mudanças climáticas que poderão ocorrer no futuro?
15-29	11 18,3	49 81,7
30-44	4 4,7	81 95,3
45-64	14 12,5	98 87,5
Mais de 65	27 27,3	72 72,7

Nota: $\chi^2 = 18,932$; $p = 0,000$ V de Cramer = 0,231

Quadro 5 - Grupo etário/Está mais preocupado com... (frequência e percentagem em linha)

Havíamos observado que as pessoas atribuem as causas das mudanças climáticas a fatores antropogénicos porém desconhecem na sua maioria com exatidão qual a verdadeira causa do ponto de vista científico.

Cruzando-se este resultado com o grau de escolaridade apuramos que a maior percentagem de respostas corretas recaiu sobre as pessoas que possuem um grau de escolaridade superior (45,8%) (quadro 6). À medida que a escolaridade vai diminuindo, a percentagem de respostas incorrectas aumenta (cerca de 70% das pessoas com escolaridade básica deram respostas incorrectas). Observa-se pois uma proporcionalidade direta entre o aumento de respostas corretas e o aumento do grau de escolaridade.

Este resultado corrobora a existência de um défice de informação sobre o assunto na população residente em Lisboa com especial incidência nos níveis mais baixos de escolaridade.

Grau de Escolaridade	Na sua opinião, qual lhe parece ser a causa mais direta das mudanças climáticas?	
	Resposta incorreta	Resposta correta
Básico	79 71,8	31 28,2
Secundário	62 59,6	42 40,4
Superior	71 54,2	60 45,8

Nota: $\chi^2 = 8,047$; $p < 0,05$ V de Cramer = 0,153

Quadro 6 - Grau de escolaridade/Causas das mudanças climáticas e (frequência e percentagem em linha)

No quadro desta investigação o conceito de orientação para o futuro foi operacionalizado a partir de um conjunto de indicadores, designadamente o gosto pelo planeamento do futuro. No cruzamento com a questão

“De uma forma geral, pensa que devemos estar preocupados com as mudanças climáticas?”, verifica-se que é entre os que gostam mais de planear o futuro que é mais elevada a percentagem dos que também estão mais preocupados com as mudanças climáticas (97%).

Gosta de planear o Futuro	De uma forma geral pensa que devemos estar preocupados com as mudanças climáticas?	
	Muito/Moderadamente Preocupados	Pouco/Não devemos estar preocupados
Gosto muito/ Medianamente	277	8
	97,2	2,8
	76,7	47,1
Gosto pouco/Não gosto	84	9
	90,3	9,7
	23,3	52,9

Quadro 7 - Gosta de planear o Futuro/De uma forma geral pensa que devemos estar preocupados com as mudanças climáticas? (frequência e percentagens em linha e em coluna)

O gosto pelo planeamento do futuro não só se reflecte na maior preocupação com a questão das mudanças climáticas como também se reflecte na disponibilidade para o uso de meios de transporte menos poluentes e na disponibilidade para outras práticas como andar a pé ou de bicicleta, ou seja para práticas com efeitos climáticos reduzidos.

De facto, a disponibilidade para o uso de transportes públicos é mais elevada entre as pessoas que gostam de planear o futuro (40,8% relativamente a 23,7% que gostam pouco de planear o futuro). E nas pessoas que afirmam já utilizar os transportes públicos sobressaem também os que têm maior apetência para o planeamento do futuro (71,4%). A percentagem dos que não estaria disposto a usar transportes públicos é superior entre os que menos gostam de planear o futuro (12,9% contra 7,1%).

Verifica-se, pois, uma disposição geral para o uso de transportes públicos, andar a pé ou de bicicleta associada ao gosto pelo planeamento do futuro.

Gosta de planear o Futuro?	Estaria disponível para usar transportes públicos, andar a pé ou de bicicleta em substituição do automóvel, contribuindo assim para o controle das mudanças climáticas?		
	Estaria disposto	Já o faz	Não estaria disposto
Gosto muito/ Medianamente	115	147	20
	40,8	52,1	7,1
	83,9	71,4	62,5
Gosto pouco/ Não gosto	22	59	12
	23,7	63,4	12,9
	16,1	28,6	37,5

Nota: $\chi^2=10,010$; $p < 0,01$ V de Cramer=0,163

Quadro 8 - Gosta de planear o futuro?/Estaria disponível para usar transportes públicos andar a pé ou de bicicleta em substituição do automóvel, contribuindo assim para o controle das mudanças climáticas? (frequência e percentagens em linha e em coluna)

A orientação para o futuro não se avalia apenas a partir do gosto pelo planeamento, mas também, por exemplo, pela capacidade de se fazer projectos para a vida, reveladora do empenho em se preparar o futuro.

Observa-se, também aqui, que cerca de 50,7% das pessoas que apreciam fazer projetos para as suas vidas já utilizam transportes públicos ou preferem mesmo andar a pé ou de bicicleta, seguindo-se as que estariam dispostas a fazê-lo (41,6%). Estes resultados totalizam 92,3%, enquanto entre os que não costumam fazer projetos este total é apenas de 88,9%.

Costuma fazer projetos na sua vida?	Estaria disponível para usar transportes públicos, andar a pé ou de bicicleta em substituição do automóvel, contribuindo assim para o controle das mudanças climáticas?		
	Estaria disposto	Já o faz	Não estaria disposto
Sim	123	150	23
	41,6	50,7	7,8
	89,1	72,5	71,9
Não	15	57	9
	18,5	70,4	11,1
	10,9	27,5	28,1

Nota: $\chi^2=14,548$; $p < 0,05$; V de Cramer=0,196

Quadro 9 - Costuma fazer projetos na sua vida?/Estaria disponível para usar transportes públicos, andar a pé ou de bicicleta em substituição do automóvel, contribuindo assim para o controle das mudanças climáticas? (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Da análise dos diversos cruzamentos a partir dos quais se poderia construir um índice de sustentabilidade (a partir da relação das pessoas com as mudanças climáticas) resultou a clara proeminência dos indicadores da preocupação com curto/longo prazo e da disponibilidade para o uso de meios de transporte públicos ou não poluentes. E verificou-se que cerca de metade das pessoas que já utilizam transportes públicos preocupam-se mais com o longo prazo, ou seja com as mudanças que poderão ocorrer no clima futuramente.

Está mais preocupado com:	Estaria disponível para usar transportes públicos, andar a pé ou de bicicleta em substituição do automóvel, contribuindo assim para o controle das mudanças climáticas?		
	Estaria disposto	Já o faz	Não estaria disposto
O tempo que vai fazer no próximo verão?	20	27	9
	5,7	7,7	2,6
As mudanças climáticas que poderão ocorrer no futuro?	112	168	14
	32	48	4

Nota: $\chi^2=9,900$; $p < 0,05$; V de Cramer=0,168

Quadro 10 - Está mais preocupado com:/Estaria disponível para usar transportes públicos, andar a pé ou de bicicleta em substituição do automóvel, contribuindo assim para o controle das mudanças climáticas?² (frequência e percentagens em linha).

Procurámos ainda verificar se as pessoas que afirmam preocupar-se mais intensamente com o futuro do planeta também se preocupam mais com o longo prazo. De facto, analisando os resultados observa-se que 87,5% das pessoas que estão mais preocupadas com o futuro do planeta também de preocupam com as

mudanças climáticas que poderão ocorrer no futuro. É, igualmente, entre estas duas categorias que surge a maior percentagem na leitura em coluna (93,3%). Cerca de 44,4% das respostas correspondem a uma preocupação mais imediatista, envolvendo menor preocupação com o futuro do planeta e atenção centrada no tempo que irá fazer no próximo verão.

Preocupa-se com o futuro do planeta e da vida na terra?	Está mais preocupado com:	
	O tempo que vai fazer no próximo verão	As mudanças climáticas que poderão ocorrer no futuro
Muitas vezes/ Algumas vezes	40	280
	12,5	87,5
	71,4	93,3
Poucas/Raramente ou Nunca	16	20
	44,4	55,6
	28,6	6,7

Nota: $\chi^2=24,911$; $p=0,000$; V de Cramer=0,265

Quadro 11 - Preocupa-se com o futuro da Vida na Terra?/Está mais preocupado com: (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Partiu-se de pressuposto idêntico ao analisar a relação entre o “receio que os recursos do planeta se esgotem” e as preocupações com o futuro próximo/longínquo. Independentemente do receio que as pessoas afirmem ter face à escassez de recursos, é certo que estão geralmente mais preocupadas com as mudanças climáticas que poderão ocorrer no futuro. Porém verifica-se que as maiores percentagens em linha e em coluna dizem respeito à associação entre os que têm tal receio e os que estão preocupados com as mudanças climáticas (87% e 86,7% respetivamente). Cerca de 27% das pessoas que estão preocupadas com o futuro imediato, ou seja com o tempo que vai fazer no próximo verão, também não receiam que os recursos se esgotem.

Receia que os recursos do planeta se esgotem	Está mais preocupado com:	
	O tempo que vai fazer no próximo verão	As mudanças climáticas que poderão ocorrer no futuro
Sim	38	255
	13,0	87
	73,1	86,7
Não	14	39
	26,4	73,6
	26,9	13,3

Nota: $\chi^2=6,354$; $p<0,05$; V de Cramer=0,136

Quadro 12 - Receia que os recursos do planeta se esgotem/Está mais preocupado com: (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Finalmente observamos a importância das orientações sociais, enquanto indicador do *habitus*, aferindo a sua influência na orientação para o futuro.

As orientações sociais são definidas na esfera sociocultural enquanto crenças sobre as condições sociais de vida, sendo socialmente estruturadas e estruturantes de valores, representações e práticas sociais (Casanova, 2004: 5). Este conceito é decomposto em duas dimensões distintas e complementares: orientação relativa à desigualdade e orientação da ação.

Na operacionalização do conceito de orientação social a orientação relativa à desigualdade é registada a partir da escolha dos inquiridos entre duas afirmações: “É certo que as pessoas são diferentes umas das outras mas é sempre possível diminuir as desigualdades sociais entre elas”, ou, “É certo que as pessoas são diferentes umas das outras e as desigualdades sociais entre elas são inevitáveis”. As pessoas que se identificam com a primeira afirmação são consideradas “igualitárias” e as que se identificam com a segunda afirmação são consideradas “não igualitárias”.

A orientação da ação decorre da escolha dos inquiridos em outras duas afirmações: “A nossa posição na sociedade depende sobretudo de termos objetivos na vida e de nos esforçarmos por os atingir” ou, “Por mais que façamos, a nossa posição na sociedade depende sobretudo de coisas que não podemos controlar”. As pessoas que se identificam com a primeira afirmação “proativas” e as que se identificam mais com a segunda afirmação serão “não-proativas”.

As orientações sociais, resultantes do cruzamento da orientação relativa à desigualdade social com a orientação da ação, em número de quatro, foram designadas por Casanova (2004: 264), depois de uma análise compreensiva, conforme o indicado na figura 2.

Estas orientações traduzem naturezas sociais diversas. A orientação resultante do cruzamento da categoria dos pró-ativos com os igualitários traduz-se na orientação da autonomia. A orientação da autonomia pressupõe um grau mais elevado de ação dos indivíduos sobre a estrutura social. No extremo oposto encontra-se a orientação da heteronomia, resultante do cruzamento entre não-pró-ativos e não-igualitários, representando o menor grau de ação do indivíduo sobre a estrutura.³ Subsistem duas orientações sociais “intermédias” (em termos de implicação sobre a estrutura social) que representam os não-igualitários pró-ativos (orientação da independência) e os igualitários não-proactivos (orientação da resistência).

Igualitária - Pró-ativa	Autonomia
Não Igualitária - Pró-ativa	Independência
Igualitária -Não Pró-ativa	Resistência
Não Igualitária- Não Pró-ativa	Heteronomia

Figura 2 - Modalidades do Indicador de Orientação Social

A descrição em detalhe do conceito de orientações sociais permite-nos agora identificar a existência de variações na relação que as pessoas de cada uma destas orientações estabelece com a sustentabilidade e as mudanças climáticas. A preocupação com o futuro do planeta é um indicador de orientação para a sustentabilidade. Observando o cruzamento deste com o índice de orientação social verifica-se que cerca de 94,3% das pessoas com orientação da autonomia preocupa-se com futuro do planeta e da vida na terra com maior intensidade, valor sempre superior ao das pessoas que exibem outro tipo de orientação social. É junto das pessoas com orientação da heteronomia que a tendência para se preocuparem com o futuro do planeta e da vida na terra é menor (73,3%).

Índice de orientação social	Preocupa-se com o futuro do planeta e da vida na terra?	
	Muitas vezes/ Algumas vezes	Poucas/Raramente ou Nunca
Autonomia	198	12
	94,3	5,7
	60,4	29,3
Independência	46	7
	86,8	13,2
	14	17,1
Resistência	51	10
	83,6	16,4
	15,5	24,4
Heteronomia	33	12
	73,3	26,7
	10,1	29,3

Nota: $\chi^2 = 19,177$; $p = 0,000$, V de Cramer=0,228

Quadro 13 - Índice de orientação social/Preocupa-se com o futuro do planeta e da vida na terra? (frequência e percentagens em linha e em coluna)

Mais, observa-se que a preocupação com o futuro do planeta varia proporcionalmente com o índice de orientação social: diminui da autonomia para a independência, depois diminui desta para a resistência e toma o valor mais baixo na heteronomia.

A disponibilidade das pessoas para fazerem mudanças difíceis sabendo que podem contribuir para a melhoria do ambiente na cidade é outro indicador de orientação para a sustentabilidade.

Quando se avalia essa disponibilidade, verifica-se o mesmo padrão de respostas que encontramos no quadro anterior (Quadro 13). É na orientação da autonomia (93,3%) que é maior a disponibilidade para fazerem tais mudanças e é de novo na heteronomia que esse peso é menor.

Índice de orientação social	Disponibilidade para fazer mudanças difíceis se elas contribuírem para a melhoria do ambiente em Lisboa	
	Totalmente disponível/ disponível em parte	Indisponível em parte/ totalmente indisponível
Autonomia	194	14
	93,3	6,7
	60,6	31,8
Independência	45	6
	88,2	11,8
	14,1	13,6
Resistência	49	11
	81,7	18,3
	15,3	25
Heteronomia	32	13
	71,1	28,9
	10,0	29,5

Nota: $\chi^2 = 19,778$; $p = 0,000$, V de Cramer=0,233

Quadro 14 - Índice de orientação social/disponibilidade para fazer mudanças difíceis se elas contribuírem para a melhoria do ambiente em Lisboa (frequência e percentagens em linha e em coluna)

E, de novo, a disponibilidade para fazer estas mudanças difíceis diminui sistematicamente quando passamos da autonomia à independência, depois à resistência e por fim fim à heteronomia.

A orientação da autonomia é, portanto, a orientação social que mais se destaca quando se analisa a sua ligação com valores e práticas relacionados com o futuro, mais concretamente com a preocupação com o futuro do planeta e da vida na terra e com a disponibilidade para fazer mudanças difíceis que contribuam para a melhoria do ambiente. E a orientação social surge com características de variável ordinal na explicação destes comportamentos.

4. Algumas conclusões

Apreciando globalmente os resultados podemos dizer que a maioria dos lisboetas está significativamente preocupada com as mudanças climáticas, considera que os seus efeitos serão muito negativos e tem consciência do peso que a acção humana tem nas mudanças climáticas, embora só uma minoria saiba identificar correctamente a principal causa deste fenómeno.

O grupo etário e o nível de escolaridade determinam aqui algumas diferenças. Verificou-se, em particular, que é no escalão etário dos 30-44 anos, seguido pelo dos 45-64 anos, que é declarada maior preocupação com as mudanças climáticas (sendo esta mínima nos que têm 65 ou mais anos), e que é no ensino superior que é maior a percentagem daqueles que identificam correctamente a principal causa das mudanças climáticas em curso (ainda que, mesmo entre estes essa percentagem não chegue aos 50%).

Constatou-se depois que existem associações claras e cumulativas entre uma maior preocupação com as mudanças climáticas, a preocupação com o futuro do planeta e da vida na terra, o receio que os recursos do planeta se esgotem e o gosto pelo planeamento do futuro, bem como entre a prática de utilização de transportes públicos, de andar a pé ou de bicicleta de modo a mitigar os efeitos no clima e a preocupação com as mudanças climáticas, o gosto pelo planeamento do futuro e o hábito de fazer projectos na vida, o que significa que existe uma evidente consistência entre diversos valores e práticas de orientação para a sustentabilidade.

Quando se avalia a relação destes indicadores com a orientação social, que representa o *habitus* dos indivíduos, e, portanto, caracteriza a posição que estes têm na estrutura cultural, observa-se que a orientação da autonomia constitui o traço cultural básico da orientação para a sustentabilidade, destacando-se não apenas no valor atribuído à vida como na disposição para práticas consistentes com esse valor; e como a autonomia representa a orientação social com grau mais elevado de acção sobre a estrutura é também aquela que terá maior alcance na promoção da sustentabilidade.

Verifica-se também que a orientação social demonstra um carácter de variável ordinal na explicação da preocupação com o futuro do planeta e com a disponibilidade para fazer mudanças que melhorem o ambiente, carácter este que já tinha sido revelado em estudos anteriores quando se relaciona a orientação social com a cidadania política (Casanova, 2004, pp. 262-264....) e com a (re)produção de normas sociais (Casanova, 2016, p. 326).

Ficou igualmente demonstrada neste estudo a correlação da orientação para o futuro (aqui operacionalizada sobretudo através do gosto pelo planeamento do futuro e do hábito de fazer planos na vida) com a orientação para a sustentabilidade (operacionalizada pela preocupação com as mudanças climáticas e pela prática de utilização de transportes públicos, de andar a pé ou de bicicleta), o que permite dar maior fôlego à necessidade de desenvolver uma Sociologia do Futuro em articulação com a Sociologia do Ambiente, da Sustentabilidade e das Mudanças Climáticas, tal como se afirmou na apresentação inicial da perspectiva que serviu de guia a este trabalho.

Referências

Adam, Barbara (1990), *Time and social theory*, Cambridge, Polity Press.

Adam, Barbara (1995), *Timewatch: the social analysis of time*, Cambridge, Polity Press

Adam, Barbara (2004a), Memory of Futures, *KronoScope*, 4 (2), pp. 298-315.

Adam, Barbara (2004b), *A Social Theory Exploration of Responsibility for Long Term Futures*, Cardiff, Cardiff University School of Social Sciences.

- Adam, Barbara (2004c), *Of metaphors, morals and memories: reflections on socioenvironmental action from a temporal perspective*, Cardiff, Cardiff University School of Social Sciences.
- Adam, Barbara (2005), The Future in Max Weber's Methodological Writings, *Economic and Science Research Council* (ESRC), pp. 1-14.
- Adam, Barbara (2010a), Future Matters: Challenge for Social Theory and Social Inquiry, *Cultura e Comunicazione*, 1, pp. 47-55.
- Adam, Barbara (2010b), History of the future: Paradoxes and challenges, *Rethinking History*, 14 (3), Cardiff University, pp. 361-378.
- Adam, Barbara (2011), Wendell Bell and the sociology of the future: Challenges past, present and future, *Futures*, 43, pp. 590-595.
- Bell, Wendell (2003), *Foundations of futures studies. History, purposes and knowledge. Human science for a new era* (Vol. I), New Brunswick, Transaction Publishers.
- Beck, Ulrich (1992), *Risk society: Towards a new modernity*, London, Sage.
- Beck, Ulrich, Anthony Giddens, Scott Lash (1997), *Modernização reflexiva*, São Paulo, UNESP.
- Bourdieu, P. (1979), *La Distinction. Critique Sociale du Jugement*, Paris, Minuit.
- Bourdieu, P. (1994), *Raisons Pratiques. Sur la Théorie de l'Action*, Paris, Seuil.
- Bourdieu, P. (1998), *Meditações Pascalianas*, Oeiras, Celta Editora.
- Bourdieu, P. (2002), *Esboço de uma Teoria da Prática. Precedido de Três Estudos de Etnologia Cabila*, Oeiras, Celta Editora.
- Bourdieu, P. (2004), *Para uma sociologia da ciência*, Lisboa, Edições 70.
- Carvalho, M.M.M (2014), *O Futuro a quem pertence? Abordagens ao Futuro e às Mudanças Climáticas*, Lisboa, ISCTE-IUL, Tese de Doutoramento em Sociologia
- Castells, Manuel (2011), *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. A Sociedade em Rede*, Volume I, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian (4ª edição).
- Casanova, José Luís (2016), “Desigualdade e ação. Disposições, reflexividade, orientações sociais”, em Fernando Luís Machado, Ana Nunes de Almeida, e António Firmino da Costa (orgs.), *Sociologia e Sociedade – Estudos de Homenagem a João Ferreira de Almeida*, Lisboa, Editora Mundos Sociais.
- Casanova, José. Luís (2004), *Naturezas Sociais. Diversidade e Orientações Sociais na Sociedade Portuguesa*. Oeiras, Celta Editora
- Giddens, Anthony (1997), *Modernidade e identidade pessoal*, Oeiras, Celta Editora.
- Giddens, Anthony (2009), *The politics of climate change*. Cambridge: Polity Press.

¹ Carvalho, M.M.M (2014) “O Futuro a quem pertence? Abordagens ao Futuro e às Mudanças Climáticas”, Lisboa, ISCTE-IUL, Tese de Doutoramento em Sociologia.

² Uma célula tem um valor inferior a 5.

³ Na operacionalização inicial (Casanova, 2004), foi definida uma quinta categoria, a orientação da exclusão que não é aqui considerada.